


## O BRASIL É UM CORPO QUE DÓI: POLÍTICAS OUTRAS DAS GRAFIAS-DE-VIDA A PARTIR DE SILVIANO SANTIAGO

Brazil is a body that hurts: other policies of *grafias-de-vida* from Silvano Santiago

Pedro Henrique Alves de Medeiros<sup>1</sup>  
<https://orcid.org/0000-0001-5872-1626> 

<sup>1</sup>Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, Campo Grande, MS, Brasil. 79070-900 – ppgel.faalc@ufms.br

**Resumo:** Este trabalho nasce a partir da premissa de que “tudo aquilo” que é importante para a minha teorização é, por uma perspectiva crítica biográfica fronteiriça, requisito necessário para a minha própria vida de pesquisador. Em termos específicos, debruço-me sobre os conceitos de corpo e geo-políticas, sendo esses alguns dos termos “daquilo tudo” que foi encoberto, expurgado, invisibilizado, desconsiderado, deslegitimado e até mesmo (neo)colonizado através dos mecanismos teo-egológicos da colonialidade e do imperialismo, principalmente no desvelar desse nosso Brasil de pretéritos e presentes imperfeitos (des)governado pelo Bolsonarismo até 2022. Para isso, lançarei mão do conceito de grafia-de-vida alçado por Silvano Santiago, em especial, na obra *Fisiologia da composição*, todavia, deslocarei e, por extensão, subverterei seu foco da literatura brasileira para o espectro político direcionado à colonialidade no Brasil Bolsonarista situado nos engastes ego e teopolíticos de encobrimento e rechaço às corpo e geo-políticas inconvenientes. Nesse sentido, utilizo a formulação de Claudete Daflon (2022) para intitular este trabalho, uma vez que especialmente de 2018 a 2022 as políticas coloniais em curso por aqui nos confirmaram que sim: o Brasil é um corpo que dói. Mais do que isso, nesse Brasil de pretéritos e presentes imperfeitos, encontram-se corpo e geo-políticas pluriversais imbricadas por múltiplas corpo-geografias de vidas inconvenientes, do ponto de vista de Silvano, as quais sobrevivem e re-existem através da eminência do perigo.

**Palavras-chave:** Brasil; grafias-de-vida; Silvano Santiago.

**Abstract:** This work is born from the premise that “everything” that is important for my theorization is, from a Biographic frontier criticism perspective, a necessary requirement for my own life as a researcher. In specific terms, I focus on the concepts of body and geo-politics, and these are some of the terms of “everything” that was covered, expunged, invisibilized, disregarded, delegitimized and even (neo)colonized through the teo-egological mechanisms of coloniality and imperialism, especially in the unveiling of this *Brasil de pretéritos e presentes imperfeitos* of ours (mis)governed by Bolsonarism until 2022. For this, I will use the concept of *grafia-de-vida* named by Silvano Santiago, especially in the work *Fisiologia da composição*, however, I will shift and moreover, I will subvert its focus from Brazilian literature to the political spectrum directed to coloniality in Bolsonarist Brazil situated in the ego and theopolitical settings of cover-up and rejection to body and geo-inconvenient policies. In this sense, I use the formulation of Claudete Daflon (2022) to title this work, since especially from 2018 to 2022 the colonial policies underway here confirmed that yes: Brazil is

a body that hurts. More than that, in this *Brasil de pretéritos e presentes imperfeitos*, there are pluriversal bodies and geo-politics intertwined by multiple body-geo-graphs of inconvenient lives, from Silviano's point of view, which survive and re-exist through the eminence of danger.

**Keywords:** Brazil; *grafias-de-vida*; Silviano Santiago.

*2018 não foi um ano qualquer na história do Brasil e na minha história. Foi quando compreendi que meu país é um corpo que dói.*  
(Daflon, 2022, p. 21)

*[...] pretendo expor a relação homológica que se deixa surpreender e se expõe na análise contrastiva entre grafia-de-vida (evito biografia por ser vocábulo semanticamente carregado; opto por neologismo, grafia-de-vida, de valor neutro) e composição artística, levando em conta a série gênero literário. Etimologicamente, homologia significa a lógica nas relações (entre objetos) semelhantes. Grafia-de-vida e composição artística serão tomadas como organismos autônomos, vivos e interdependentes; no entanto, semelhantes nos respectivos processos de invenção e nas respectivas organizações internas.*  
(Santiago, 2020, p. 14-15)

“Tudo aquilo” que é importante para a minha teorização é, por consequência crítica biográfica fronteira<sup>1</sup>, requisito necessário para a minha própria vida de pesquisador homo-fronteiriço escrevendo à luz dos arrabaldes de Campo Grande/MS, de um grupo de pesquisa subalterno e atravessado pela relação com Silviano Santiago. Em termos específicos, debruço-me, agora, sobre as corpo e geo-políticas, sendo essas alguns dos termos “daquilo tudo” que foi e, em certa medida, continua sendo encoberto, expurgado, invisibilizado, desconsiderado, deslegitimado e até mesmo (neo)colonizado através dos mecanismos teo-egológicos da colonialidade e do imperialismo, principalmente no desvelar desse nosso Brasil de pretéritos e presentes imperfeitos<sup>2</sup> (des)governado pelo Bolsonarismo até dezembro de 2022.

Para isso, lançarei mão do conceito de grafia-de-vida alcunhado pelo mineiro, em especial, na obra *Fisiologia da composição*, todavia, deslocarei e, por extensão, subverterei seu foco da literatura brasileira para o espectro político direcionado à colonialidade

---

<sup>1</sup> Crítica biográfica fronteira é o arcabouço conceitual-epistemológico o qual me respaldo para escrever estas problematizações, tal teorização emerge do intelectual sul-mato-grossense Edgar Cézár Nolasco a partir dos estudos críticos biográficos aliados à descolonialidade no engaste entre *bios* e *lócus*, sensibilidades biográficas e histórias locais, dos assujeitados que re-existem em estado constante de negociação de suas vidas interceptadas pelos grilhões da matriz colonial de poder, em específico, no que convém a estes trópicos verde-amarelos. Sua premissa basilar pressupõe contrapor corpo e geo-políticas das exterioridades às teo e egopolíticas modernas/coloniais no cerne de uma matriz de poder hegemônica desprovida de quaisquer éticas políticas outras direcionadas às fronteiras, margens, periferias, dissidências e racializações disseminadas através da colonialidade mascarada pela insígnia do capitalismo imperial. É, por óbvio, uma opção teórica, mas, sobremaneira, uma eleição de vida do pesquisador em prol de defender a co-presença de muitos mundos possíveis na contracorrente dos universalismos abstratos que grassam de todos os lados do planeta na égide das teorias mercadológicas itinerantes.

<sup>2</sup> O conceito de um “Brasil do pretérito imperfeito” emerge a partir de Silviano Santiago no texto “Nó, nós” (2020) e é utilizado neste trabalho, de perspectiva descolonial, intentando corroborar a premissa de que o país, mesmo transcorridos quinhentos anos desde o colonialismo, não se desprende da colonialidade, essa, por sua vez, mascarada, hoje, através dos ideais de modernidade, progresso, globalização e imperialismo.

imperante no Brasil Bolsonarista situado no engaste ego e teopolíticos de encobrimento e rechaço às corpo e geo-políticas inconvenientes, para utilizar um termo caro a Silviano. Nesse ensejo, não à toa me valho da formulação de Claudete Daflon (2022) para intitular e epigrafar este trabalho, uma vez que especialmente desde 2018 as políticas coloniais em curso por aqui nos confirmam que sim: o Brasil é um corpo que dói (Daflon, 2022). Mais do que isso, nesse Brasil de pretéritos e presentes imperfeitos, encontram-se corpo e geo-políticas pluriversais (Mignolo, 2010a) imbricadas por múltiplas corpo-geo-grafias de vidas inconvenientes, do ponto de vista de Silviano, as quais sobrevivem e re-existem (Mignolo, 2017a) através da eminência do perigo (Santiago, 2019).

Dentre elas, menciono as LGBTQIAP+, indígenas, negras, mulheres, pobres etc. ao se localizarem justamente no pluriverso (Mignolo, 2010a) existencial daquilo que o Bolsonarismo utiliza enquanto guia irrestrito e implacável: o ódio e a política de morte. Como consequência, é na carne (Santiago, 2019) que as consequências da colonialidade implacável do Bolsonarismo se internalizam e rasgam desencadeando um sangramento cujas formas de estancamento são quase que utopias descoloniais e pós-abissais de possibilidades co-existent de muitos mundos possíveis (Mignolo, 2008). Assim, voltando-me para a epígrafe de Silviano (2020), intento que subverto sua formulação inicial de grafias-de-vida para corpo-geo-grafias a fim de pensar de maneira crítica biográfica fronteira em políticas outras<sup>3</sup> de vidas e, por consequência, de corpos e lugares situados no atravessamento limiar da sobrevivência e da re-existência (Mignolo, 2017a) nesse Brasil quase inóspito que nos toma de sobressalto cotidianamente.

Por isso, aqui, direciono-me para o espaço íntimo (Nolasco, 2019) de pensar, em termos gerais, em políticas das grafias-de-vidas, ou melhor, em políticas das corpo-geo-grafias de vidas dessas muitas gentes, como eu, Silviano, meus colegas de grupo de pesquisa, meus amigos e amigas LGBTQIAP+, negros e negras, mulheres, indígenas, pobres etc. que vêm sendo vilipendiados desde a iminência, ascensão e enraizamento do Bolsonarismo no Brasil. De modo pluriversal (Mignolo, 2010a) não só às políticas coloniais que aqui estiveram em curso, mas, para além dessas, das formulações cartesianas e teogopolíticas do conhecimento que não fizeram outra coisa senão impor um universalismo abstrato cuja centralidade se interpola por uma única forma de pensar, teorizar (Nolasco, 2022) e escrever, prezo por políticas outras que angariem como condição *sine qua non* políticas de vida (Nolasco, 2022) apregoadas em comemorar as pluriversalidades (Mignolo, 2010a) das vidas, dos corpos e dos conhecimentos em uma visada igualitária.

É a partir desse lugar epistêmico fronteiro que urge a necessidade de traçar políticas de corpo-geo-grafias. Ademais, quero ainda me distanciar do traço pós-estruturalista que circunda o pensamento de Silviano, mesmo que, em alguns momentos, suas reflexões se pretendam de caráter pós-colonial. À diferença do mineiro, minhas

---

<sup>3</sup> O termo “políticas outras” e seus variantes são utilizados neste trabalho com base na formulação de “paradigma outro” do intelectual argentino Walter Mignolo e se refere à perspectiva descolonial aportada em tudo aquilo que foi deixado de fora do pensamento moderno/colonial, isto é, as exterioridades criadas pela própria interioridade hegemônica.

teorizações não se situam no entre-lugar entre a tradição moderna ocidental e o pensamento crítico pós-colonial, minha opção é, inegociavelmente, descolonial. Corpo e geo-politicamente, estou calcado em lastros biográficos (Nolasco, 2020) outros os quais, pelo atravessamento da insígnia da fronteira sul-mato-grossense que habita minha carne de pesquisador escrevendo a partir desse lócus enunciativo geostórico e epistemológico, transformo em corpo-palavra (Nolasco, 2020), ou melhor, em teorização corporificada – ainda que o uso conjunto desses termos recaia em um pleonasma, o uso se faz proposital.

Entrevejo, então, que se quero escrever o que eu quero (Nolasco, 2022) e, em específico, teorizar possibilidades outras de co-existências corpo e geo-políticas pluriversais (Mignolo, 2010a), só posso fazê-lo pela consciência de que atravesso a fronteira-sul assim como ela permeia meu corpo (Nolasco, 2020) homo-biográfico, meu pensamento descolonial e minha tentativa quase que utópica de desenhar epistemologicamente futuros que se pretendam pós-abissais longínquos dos paradigmas teo e egopolíticos alimentados pelo Bolsonarismo. Conceitualmente, no plano do que estou chamando de corpo-política, entendo que se desenham duas relações. Primeiro, sua discussão se delinea através do roçar crítico com a geo-política; segundo, faz-se impossível debatê-la sem me deter nos paradigmas modernos e coloniais da teo e da egopolítica os quais se configuram enquanto as formulações basilares do pensamento moderno ocidental não só dos conhecimentos imbuídos da hegemonia epistêmica em execução nas universidades. Mas, por outro lado, na co-extensão de ideologias autoritárias endossadas por políticas pseudo-universais de rechaço, perseguição e destruição de “tudo aquilo” situado do outro lado da linha (Santos, 2010), incluindo as pluriversalidades (Mignolo, 2010a) dos corpos, isto é, das corpo-geo-grafias de vidas.

Coadunado pelo intelectual argentino Walter Mignolo, o que se faz necessário é compreender a corpo-política enquanto a configuração *bios*-gráfica de gênero, religião, classe, etnia e língua (Mignolo, 2017b) no entremear com as formas de produzir conhecimento e os desejos epistêmicos (Mignolo, 2017b), tendo em vista que tais caracterizações foram apagadas em detrimento da supremacia hegemônica da mente/razão sobre o corpo e, ademais, de Deus sobre tudo (Mignolo, 2017b). Não à tona, a crítica descolonial que faço no plano da corpo-política flerta, na diferença, de maneira quase que direta com o *slogan* principal da campanha política Bolsonarista, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. De alguma forma, isso desvela, mais uma vez, o paradigma colonial ao qual as políticas no Brasil estavam a serviço e quais eram especificamente seus “inimigos”. Por esse motivo, não há como conceituar uma ideia de Brasil hoje que não seja a de que meu país é um corpo que dói (Daflon, 2022) e, no plano do explicitado pelo mineiro em *Fisiologia da composição*, a ideia de que “[...] a bacia das almas metafórica se repetirá em 1929 e em abril de 1964. E se repete em 2020, acentuando, como desde a colônia, a desigualdade entre as cidadãs e os cidadãos brasileiros.” (Santiago, 2020, p. 142).

Nesse sentido, isto é, na contrariedade absoluta aos discursos ego e teopolíticos Bolsonaristas, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, compreendo que só posso dar



conta de conceituar a proposta de um Brasil outro, tomado pelas irrupções pretéritas e presentes da colonialidade/modernidade, se o fizer, também, através de uma lógica outra entremeada pela perspectiva descolonial. Essa, por sua vez, projeta-se através das interrelações entre corpo e geo-políticas das muitas corpo-geo-grafias que habitam as exterioridades, como as minhas e as de Silvano enquanto pesquisadores homo-biográficos desobedecendo à suposta “aparência natural do mundo”<sup>4</sup> (Mignolo, 2008) alimentada pelo Bolsonarismo. Assim, ao emergirem a partir das sensibilidades biográficas e locais, essas corpo e geo-políticas outras delineiam uma cisão na hegemonia supostamente universal das teo e egopolíticas (Mignolo, 2010a), dado que dentre as suas consequências se resguardam a colonização dos corpos e das mentes, a formação da subjetividade moderna e o endosso de uma economia capitalista (Mignolo, 2010a) a qual sobrepõe o capital sobre o prezar pelos corpos e pelas vidas – sendo esse o *modus operandi* do (des)governo citado tal qual seu descaso com a pandemia de 2020 nos reafirmou.

No bojo dessa visada, desenha-se um cenário crítico biográfico fronteiriço em que a corpo-política do ser e do conhecimento se mostra como uma opção teórica e de vida à hegemonia colonial/imperial das teo e egopolíticas (Mignolo, 2010a). A partir dessa tomada de consciência crítica, esboroa-se a máscara pseudo-universal que reveste as teo-egopolíticas (Mignolo, 2010a) e, ao fazê-lo, traz consigo o que Silvano, à sua maneira pós-estruturalista, conclamou em “Inconveniências do corpo como resistência” de inconveniência citando como exemplo as figuras de Jean Wyllys e Marielle Franco. Diante disso, Silvano recorre ao dicionário para conceituar a inconveniência, sendo essa a “[...] ação, dito ou fato que não é conveniente, que não atende ao gosto, aos costumes ou ao bem-estar de outrem; indelicadeza, incivilidade, indiscrição, grosseria.” (Houaiss, 2019, p. 16 *apud* Santiago). Calcado nessa conceituação primária, tomando como premissa que tal qual Silvano também sou um corpo inconveniente, evoco alguns questionamentos.

Se a inconveniência é o não atendimento ao gosto, aos costumes ou ao bem-estar de outrem, em relação a quem nossas corpo-geo-grafias fronteiriças e homo-biográficas se contrapõem? Vou além, se, descolonialmente, guiamo-nos pela condição *sine qua non* de possibilidades pluriversais (Mignolo, 2010a) e co-existentes de muitos mundos possíveis (Mignolo, 2008) e igualitários, por que somos lidos e entendidos enquanto corpos tomados pela indelicadeza, incivilidade, indiscrição e grosseria? As questões apostas são um recurso retórico, mas contribuem para que eu atinja o objetivo delineado na proposta deste trabalho: a conceituação de políticas corpo-geo-gráficas de vidas. Em outras palavras, intento que no bojo do cenário Bolsonarista orientado pelos paradigmas teo e egopolíticos, as possibilidades de inscrições corpo e geo-gráficas, atravessadas pelas inserções étnicas racializadas e dos gêneros e sexualidades patriarcalizadas (Mignolo, 2010a), são quase que inexistentes e, guiado pela teorização crítica biográfica fronteiriça, não posso jamais

---

<sup>4</sup> A dita “aparência natural do mundo” é aquela passível de aferir políticas de identidade pautadas nas ideias de que ser homem, branco, heterossexual, cisgênero e dotado de boas condições econômicas seriam as premissas das identidades consideradas “superiores” na contraposição às “inferiores”, ou seja, as que destoam do arrolado.



ignorá-las.

Se o fizesse, estaria reiterando a lógica colonial que apaga e extermina os corpos inconvenientes e desobedientes aos paradigmas modernos/coloniais, a exemplo, os assassinados ambientalistas e defensores dos povos originários Dorothy Stang, Chico Mendes, Dom Philips, Bruno Pereira e dos muitos indígenas cotidianamente re-existindo (Mignolo, 2017a) através dos embates sanguinolentos entre a manutenção das florestas e a presença constante dos garimpos e do agronegócio em suas terras, em específico, na Amazônia e no meu estado sul-mato-grossense, dentre muitos outros casos os quais muitas vezes nem tomamos conhecimento dadas suas recorrências diárias outrora possibilitadas pelo descaso do Bolsonarismo com essas exterioridades que grassam de todos os lados fronteiriços do Brasil do pretérito e presente imperfeitos.

Para Silviano, interpola-se uma reação conservadora do Bolsonarismo em que se conduzem processos políticos de perseguição às conquistas dos grupos marginalizados erradicando das leis os direitos conquistados pelos cidadãos e cidadãs (Santiago, 2019) que aqui habitam re-existindo (Mignolo, 2017a), a exemplo, o rechaço às lutas dos indígenas em estado contínuo de genocídio. Nesse cenário, não consigo me descolar da memória guiada pelo medo em 2018 quando me vi conjuntamente com meus amigos LGBTQIAP+ vivendo momentos de horror constante, uma vez que o cenário que se desenhava era, a partir do endosso dos discursos do Messias colonial-imperialista, de perseguição às nossas corpo-políticas homo-biográficas. À maneira que venho explicitando, esse nosso medo não se instaurou à toa, pelo contrário, confirmou-se o previsto cenário desenfreado de expurgo às corpo-geo-grafias racializadas a partir da lógica guiada pelas ego e teopolíticas do ser e do saber.

Ainda na esteira do mineiro refletindo a chancela do cenário político que atravessa nossos corpos, seu debate nos leva para a conclusão abissal de que nossas vidas estiveram em perigo (Santiago, 2019), tendo em vista o contra-ataque do Bolsonarismo através da imposição de paradigmas religiosos entremeado pelo ideário tacanho negativista e repressivo (Santos, 2010) de base ditatorial, para fazer valer a subserviência do Messias colonial-imperialista a figuras do regime militar de 1964. Da minha égide descolonial, compreendo que o Bolsonarismo, apregoado nesse nosso Brasil dos pretéritos e dos presentes imperfeitos, acabou por desvelar o horizonte colonial o qual o foco foi totalmente descaracterizado das corpo-geo-grafias de vidas e direcionado à mente e, mais do que isso, à presença inconteste de um único Deus colonial sobre tudo e todos (Mignolo, 2017b). Sendo assim, minha teorização só pode se dar através de uma premissa outra deslindada pela última prece do intelectual Frantz Fanon: “Ô meu corpo, faça de mim um homem que questiona!” (Fanon, 2008, p. 191).

Seguindo esse cântico e guiado pela visada fronteiriça, uma das características do que estou discutindo aqui enquanto Brasil do pretérito e do presente imperfeitos é, primordialmente, o cenário imbricado a uma sociedade que se pretende burguesa (Fanon, 2008) aquilatada, grande parte, pela alienação intelectual que esclerosou e rechaçou corpo-



geo-grafias e *modus vivendi* outros através da construção de um espaço onde não é bom viver, onde o ar é pútrido e as ideias e as pessoas, em geral, encontram-se em estado de putrefação colonial-imperialista (Fanon, 2008). Em outras palavras, o que estou explicitando é que, dentre muitas de suas ações colonialistas, o Bolsonarismo descortinou o horizonte hegemônico que nos comprovou rotineiramente que as fronteiras estão delineadas para nos mostrarem e definirem os lugares que são seguros e os que não são (Santos, 2010). Mais do que isso, elas servem para separar aquilo que a intelectual chicana Gloria Anzaldúa escreveu enquanto a divisão entre o *them* (eles) e o *us* (nós) (Anzaldúa, 2007) ou enquanto as linhas abissais desenhadas deste e daquele lado (Santos, 2010).

Nessa seara, compreendo que mais do que habitar e escrever a partir de um lócus fronteiro, a fronteira se dá, de maneira primordial, através do imbricamento do meu próprio corpo homo-biográfico e das minhas corpo-geo-grafias de vida roçadas às do Silviano na tessitura de uma teorização descolonial. Somos, portanto, no bojo de Anzaldúa, os proibidos, banidos, atravessados e perversos que extrapolam os confins da dita “normalidade” (Anzaldúa, 2007). Mais do que isso, projetamo-nos como transgressores e estrangeiros quase que, da óptica Bolsonarista, passíveis de sermos violados, mutilados, estrangulados, enfim, atacados (Anzaldúa, 2007). Corpo e geo-politicamente, não nos consideram “legítimos”, pois a institucionalização desses se guia através da lógica colonial de homens brancos, heterossexuais e da elite – à maneira da figura ideal do Bolsonarismo – direcionada a outros semelhantes se instaurando por essas terras fronteiriças a tensão política colonial/imperial quase que como um vírus que nos apodera e corrói (Anzaldúa, 2007).

Partindo desse ponto de vista, ainda que no plano da metaforização pós-estruturalista, cujo respaldo teórico se situa na contrariedade absoluta da teorização crítica biográfica fronteira, desvela-se a recorrência do corpo nos escritos de Silviano, em especial, no texto aqui destacado: *Fisiologia da composição* (2020). De início, o mineiro justifica no introito da obra supracitada que a motivação do ensaio corporificado ali posto advinha de uma proposta por parte de colegas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) no intuito de realizarem o simpósio denominado “Literatura e artes de corpo presente” (Santiago, 2020). Ao fazê-lo, afirma que algumas das artes, mesmo as tradicionais e aquelas moderníssimas, são de corpo humano presente, todavia, no plano da literatura, enquanto arte da palavra, não, a não ser que desconstruíssemos a metáfora sustentadora do texto literário: a linguagem (Santiago, 2020).

Então, situa sua premissa desconstrutora, à *la* Jacques Derrida, no campo em que a literatura seria de corpo presente na relação homológica entre o corpo daquele que escreve e sua composição literária (Santiago, 2020). Com isso, ao expor, genético-analiticamente, os *modus* composicionais de determinadas literaturas, descortinariam-se os ditos corpos biofisiológicos (*bios* e vida aliados às funções orgânicas) dos autores (Santiago, 2020): grafias-de-vidas (Santiago, 2020). Reforça-se, no viés aquém ao pós-estruturalista alcinado por Silviano, a óptica de que o corpo é parte escritural de um texto tendo forma,



significado e a importância de vocábulos que, em contextos estreitos, performam e significam linguisticamente não se dando, portanto, em estado presentificado no interior da obra (Santiago, 2020). Mas, sim, enquanto metáfora que representa o corpo humano propriamente dito e como grafia passível de ser replicada nas mais variadas línguas nacionais do mundo (Santiago, 2020).

Diante da *Fisiologia* de Silviano (2020), respaldada pelos moldes derridianos, não poderia me situar, descolonialmente, mais à sua revelia, em especial, no que compete à teorização outra aqui delineada em detrimento ao Brasil sendo um corpo que dói (Daflon, 2022) e, mais do que isso, no objetivo de conceituar políticas outras das grafias-de-vida e dos múltiplos corpos e *loci* fronteiriços que se imbricam as composições dessas. Em outros termos, só posso pensar, enquanto um homem-fronteira escrevendo à luz dos arrabaldes do Sul global (Meneses; Santos, 2010), se o fizer entremeado por corpo e geo-políticas cujos substratos rechacem, como condição *sine qua non*, a metaforização moderna/colonial enquanto única via de perlaboração crítica. Dessa maneira, entrevejo ser possível fazê-lo, caso eu cumpra o mencionado no início deste trabalho: a subversão dos conceitos de grafia-de-vida, corpos e afins do plano do literário e o apregoe no bojo dos desafios políticos do hoje no nosso Brasil de pretéritos e presentes imperfeitos, isto é, ainda situado no espectro de uma matriz colonial de poder através do Bolsonarismo em exercício abissal (Santos, 2010) de expurgo às exterioridades que grassam das margens epistêmicas deste país com estruturas geográficas continentais.

Intentando isso, requiro em minha consciência outra, de pesquisador homo-biográfico que reflete e produz na esteira das minhas re-existências (Mignolo, 2017a), a necessidade de oferecer, ressalvadas as muitas e óbvias diferenças, inconveniência não só ao Bolsonarismo que nos (des)governou, mas, também, em certa medida e quando necessário, ao que Silviano (2020) defende com base em sua consciência moderna não-desprendida das Teorias Modernas (a propósito, em letras maiúsculas) que tudo é passível de ser metaforizado<sup>5</sup>. Não, meu corpo e meu lócus sanguinolentos fronteiriços delineados a partir da minha inscrição homo-biográfica no mundo, pensando das bordas do planeta, de uma universidade exteriorizada em comparação às dos centros nacionais, criado por uma mãe viúva extrínseca ao apoio paternal cindido pela morte em minha idade prematura – a propósito, sem me debruçar sobre as muitas outras existências de corpo e geo-políticas exteriorizadas neste Brasil imperfeito<sup>6</sup> – não podem, nessa visada teórica, serem conclusos

---

<sup>5</sup> No plano da crítica que tensiono a Silviano, entendo que meu pensamento se direciona a uma perspectiva da des-metaforização do corpo e, mais do que isso, das grafias (inclusive geo-políticas) que o compõe. Em outras palavras, defendo a premissa de que não posso conceber os corpos e os lugares que re-existem a partir do Sul global, e dos efeitos implicados nessa especificidade, com base nos restos das metáforas advindas do Norte, em especial, através das Teorias Itinerantes (em letras maiúsculas) que por aqui aportaram tomando para si o papel de metaforizar tudo e todos. Na minha leitura, o peso da modernidade/colonialidade não pode, e nem deve, ser resolvido com base em metaforizações do sofrimento humano – e quiçá, entrevejo, também, que nem mesmo por via unicamente das elocubrações teóricas que evoco neste trabalho.

<sup>6</sup> Demarco meu discurso e, sobretudo, minha teorização corpo e geo-política a partir da dissidência sexual LGBTQIAP+ não como mera panfletagem militante, mas, por sentir que é, também, a partir dela que a



e analisados apenas pela chancela da metáfora.

Unicamente no plano de uma análise moderna, talvez. Mas nunca de uma teorização gerida a partir das nossas próprias experiências de colonizados que, mesmo decorridos 500 anos (Mignolo, 2010a), ainda sentem a colonialidade na mente, corpo, vida, sensibilidades biográficas e locais, afetos, desejos, conhecimentos e, em aspecto primordial, na política que nos (des)governou e nos situando cada vez mais do outro lado da fronteira (Santos, 2010). Nessa seara, de modo pluriversal (Mignolo, 2010a) ao exposto, tanto minha corpo-política homo-biográfica (também concernente a Silviano, mesmo que não trabalhada por ele de um viés outro) quanto minha geo-política fronteira, como uma perspectiva epistêmica de conhecimento, são mecanismos articuladores essenciais para que eu aprofunde e amplie a proposta de descolonizarmos (Mignolo, 2010a) nossas corpo-geo-grafias outras.

É, então, atravessado por esses termos que subverto e transfiguro o cotejado por Silviano, em específico, quanto à metaforização (Santiago, 2020), uma vez que a corpo-política do conhecimento me permite aquilatar as condições e os caminhos de transformação do lócus enunciativo e substituir os termos da conversa (Mignolo, 2010a) – por exemplo, o aprender a desaprender para re-aprender (Mignolo, 2008) as grafias-de-vida e a temática do corpo em Silviano através da crítica biográfica fronteira. *Pari passu*, a geo-política do conhecimento da/na fronteira hegemônica epistêmica Ocidental (Mignolo, 2010a) me direciona à irrupção contrária às teo e geopolíticas (Mignolo, 2010a) difundidas pelo Bolsonarismo. Diante disso, questiono: como eu poderia metaforizar minha existência sexual dissidente, e as dos meus, enquanto a figura presidencial que nos (des)governava dizia ser o “Brasil, país de maricas”? (Bolsonaro, 2020 *apud* Pinheiro, 2020).

O fato citado fora proclamado ao mesmo tempo que o país compunha a lista (Calvi, 2022) de países que mais matam LGBTQIAP+ no mundo sendo, em média, 400 assassinados por ano (Pinheiro, 2020) nestas terras sem leis. Posicionando-me lado a lado ao estabelecido por Mignolo (2010), entendo que todos esses pontos não se resolvem, unicamente, com políticas públicas, generosidade, tampouco, com as metaforizações dos corpos (Santiago, 2020). Há que se prezar por uma perspectiva descolonial em que experiências de vidas pluriversais (Mignolo, 2010a), imbricadas por corpo e geopolíticas outras, ocupem o cerne da discussão para além de quaisquer tentativas universais (Mignolo, 2010a). Assim sendo, minhas corpo-geo-grafias políticas se mostram aos meus olhos de homem-fronteira enquanto opções frente às hegemonias e as predominâncias coloniais/imperiais das teo e egopolíticas sem que me situe no lugar de perlaborar um outro plano mestre universal (Mignolo, 2010a). Coaduna-se a necessidade descolonial de construção comunal e pluriversal sem referendar paradigmas pseudo-universais e/ou

---

modernidade/colonialidade infere seus efeitos, paradigmas e assimetrias nos meus *modus operandi e vivendi* de homem-fronteira. Contudo, possuo a consciência outra acerca das múltiplas formas que a matriz colonial de poder engasta para racializar e expurgar à inexistência da exterioridade as muitas sensibilidades biográficas e histórias locais extrínsecas ao que se concebeu hegemonicamente enquanto “aparência natural do mundo” aos moldes do que explicita Walter Mignolo em “Desobediência epistêmica” (2008).



totalizantes (Mignolo, 2010a), à moda do Bolsonarismo aportado no matiz hegemônico e elitista de que sabe o que é bom para todos (Mignolo, 2010a) ou finge saber desvelando espaços hegemônicos de expurgo e perseguição aos ditos “outros”, “não-naturais” (Quijano, 2019).

Minhas corpo e geo-políticas se projetam a fim de minar essas ego e teopolíticas difundidas pelo Bolsonarismo requerindo que pesquisadores aportados em uma visada descolonial, como eu, direcionemo-nos a problematizar os desafios políticos do hoje entremeados pelas políticas de exclusão que há muito persistem nestes trópicos brasileiros, visto que é nas corpo-geo-grafias outras que escorre o sangramento incessante da colonialidade em curso no Brasil imperfeito. Dessa feita, as corpo-geo-grafias são as políticas outras no intento de que as minorias continuam morrendo, *sub judice* da legitimação de discursos hegemônicos de poder tal qual o supramencionado através de Bolsonaro. Penso, então, em um *modus operandi e vivendi* político em que os corpos e os *loci* a partir dos quais re-existem (Mignolo, 2017a) tenham lugar de direito. Na contrapartida a essa tentativa, prefiguram-se na sociedade civil brasileira demasiados grupos que alçaram a cena pública objetivando impor seus valores e reivindicações enquanto universais (Bignotto, 2020), nos termos do bom para todos (Mignolo, 2010a). Ilustrando esse contexto, menciono, deputados e senadores, Bolsonaristas, entremeados por tais propostas cujo exercício, buscam aprovar no Congresso reivindicações regressivas aos costumes atacando, de maneira direta, grupos minoritários (Bignotto, 2020) (LGBTQIAP+, mulheres, negros e negras etc.) e fragilizados (indígenas) (Bignotto, 2020) pelo peso da colonialidade imperante em seus discursos e práticas de poder hegemônico.

Nesse preciso sentido, perfila-se um universo em que a violência se concentra como pilar essencial da vida política do país (Bignotto, 2020). As classes populares são submetidas a cenários de extrema insalubridade e falta de dignidade (Bignotto, 2020), das 60 mil mortes violentas no país a cada ano, grande parte é de habitantes das comunidades desprovidas de poder econômico e, em muito, de grupos racializados (Bignotto, 2020). Ademais, a violência naturalizada (Bignotto, 2020) pela política moderna/colonial Bolsonarista se disseminou tal qual um vírus alçando novos alvos, como artistas, intelectuais, opositores etc. Nesse ínterim, Silviano em “Inconveniências do corpo como resistência” se faz necessário em minha empreitada teórica na direção de que entendo meu discurso crítico biográfico fronteiriço, entremeado pelo mineiro, também como inconveniente, pois só posso escrever o que eu quero (Nolasco, 2022) se o fizer pela chancela da inconveniência direcionada àqueles que querem expurgar, matar, silenciar, enfim, empurrar nossas corpo-geo-grafias cada vez mais para o outro lado da fronteira (Santos, 2010), como se fôssemos inexistentes ou irrelevantes para o país (Santos, 2010).

Neste momento, o mineiro é salientar por ser, também, um intelectual inconveniente, extrínseco ao lugar-comum, da “aparência natural do mundo” (Mignolo, 2008), que me relembra dos direitos epistêmicos implicados nas lutas pelas diferenças. Isso me permite pensar em uma fisiologia das inconveniências e em uma fisiologia das corpo-geo-grafias



políticas; dessa feita, problematizo: como essas se constituem pelo pluriverso (Mignolo, 2010a) ao Bolsonarismo? Como se abalizam no pensamento? Silviano me ajuda a pensar a partir desse (Mignolo, 2003) lugar teórico, mas não me é suficiente, dada a premissa descolonial basilar de quaisquer reflexões que evoco neste trabalho. Voltando-me às “Inconveniências do corpo como resistência” (2019), a inconveniência acaba por desenquadrar das normativas sociais e políticas ditatoriais – no sentido de práticas e discursos autoritários como os de Bolsonaro e de seus seguidores, não movimentos institucionalizados tal qual o golpe militar de 1964 – demasiados *modus vivendi* de comportamento e, por extensão, hipocrisias sociais (Santiago, 2019).

Em expressões específicas, não é só o *gay* quem sai do armário (Santiago, 2019), em coletivo, os jovens extrapolam seus lugares de reclusão e medo resguardando formas outras de ser/estar em público ao apregoar um desejo latente de se enquadrar mimeticamente ao hoje e, sobretudo, agarrarem-se à esperança de dias melhores sem os constrangimentos familiares e os preconceitos políticos que padecem na carne (Santiago, 2019). Destrincho mais ainda o exposto, uma vez que se projetam corpo e geo-políticas de conhecimentos (Grosfoguel, 2010) em que o lócus de enunciação seja o centro daquele que fala ao não se esconder, apagar ou ocultar à moda das filosofias e ciências ocidentais (Grosfoguel, 2010). Assim, as teo e egopolíticas Bolsonaristas privilegiam o mito de um Ego não situado desvinculando os lugares epistêmicos étnico-raciais, sexuais, de gênero etc. daquele que enuncia (Grosfoguel, 2010) em detrimento à universalização pseudo-justificada pelas tentativas de controle e homogeneização social dessas corpo-geo-grafias dissidentes.

De maneira pluriversal (Mignolo, 2010a), nossas corpo-geo-grafias outras rompem com o mito epistêmico universal pretendido como o único verdadeiro e possível trazendo à voga não só aquele que fala, mas, em primordial, os lugares corpo e geopolíticos que ocupam nas estruturas de poder que enuncia (Grosfoguel, 2010). Por isso e não somente, escrevo o que eu quero (Nolasco, 2022), ora me situando lado a lado ora na contracorrente ao meu Silviano, munindo-nos de toda inconveniência gerida em nossas corpo-geo-grafias outras ao cenário pretendido universal alimentado pelo Bolsonarismo. Não voltarei ao armário que estive até meus quatorze anos e que, *a posteriori*, fora retirado dali à força, não me permitirei sentir mais medo dos sobressaltos imbricados as descobertas que existem em meu corpo homo-biográfico e, por extensão, nos afetos, desejos e sensibilidades que dele se projetam e se direcionam aos homens que tensionam minhas paixões à luz do lócus sul-fronteiriço que re-existo (Mignolo, 2017a) no cotidiano universitário periférico.

A corpo-política (Mignolo, 2010b) desenhada pela minha existência outra, consciente de si mesma e das inconveniências que causa à suposta “normalidade”, descreve uma tecnologia descolonial aplicada ao meu corpo que hoje sabe que foi e continua sendo considerado menos humano (Mignolo, 2010b). Em aliança, minha geo-política é, como condição *sine qua non*, a resposta terceiro-mundista ao “Primeiro Mundo” (Mignolo, 2010b)



– não apenas no que compete ao Norte global, mas, para além, àqueles que se julgam no direito de agirem enquanto agentes coloniais como os Bolsonaroistas – cujo construto basilar é o de desvelar os privilégios epistêmicos incutidos nos detentores do poder hegemônico os quais relegaram a si mesmos o direito de inventar, classificar e ser parte integrante ou não do resto da população (Mignolo, 2010b). Levo a cabo, portanto, uma formação-em-coletividades (Santiago, 2019) prezando por um bem-viver às diferenças que grassam de todos os lados e corpos do Brasil reconhecendo seus lugares de direito, em especial, epistêmico, nas políticas do nosso país munido de imperfeições coloniais.

À maneira que afirmo em nota de rodapé deste trabalho, ao des-metaforizar o corpo e o lugar evoco, em minha teorização crítica biográfica fronteira emergida a partir do mineiro, ainda que não enclausurada nele por dissonâncias teóricas, um espaço íntimo cujo cerne não está aquilatado na plêiade de subjetividades e nos *loci* privilegiados pelo pensamento moderno/colonial (Nolasco, 2019). À revelia do pensar para existir, para o método cartesiano, situo-me, por condição descolonial, na contrariedade absoluta ao que evoco enquanto gramática da modernidade<sup>7</sup> (Nolasco, 2019) e, como extensão dela, também à gramática do poder (Silva, 2020), a qual o Bolsonaroismo insiste em disseminar através dos seus paradigmas teo e egopolíticos direcionados às exterioridades. Em outras palavras, localizo meu discurso e minha *práxis vivendi* de homo-biográfico no espaço íntimo crivado, geoistórico-epistemicamente, no espaço fronteira (Nolasco, 2019).

Esse, por sua vez, perfila-se pelo afora que foi criado, enquanto tal, pelo adentro (Nolasco, 2019). No que se relaciona aos horizontes geopolíticos mundiais, do Sul global (Meneses; Santos, 2010) e sua luta de re-existência (Mignolo, 2017a) às hegemonias do Norte; no Brasil, de nós, dissidentes e assujeitados atravessados por uma consciência outra de país co-existente, pós-abissal (Santos, 2010) e ético-político para com todos os habitantes das bordas pluriversais que aqui delineiam-se. Nesses termos, não me bastam as gramáticas presididas, de modo único, pela razão, lógica do pensamento moderno, retórica eurocêntrica (Nolasco, 2019) ou até mesmo Terceiro-Mundista, quando imbuída de assimetrias de poder masoquistas tendo em vista a implicação dessas também nos exteriorizados que a replicam, ainda que esse fato seja ignorado, tal qual venho problematizando assentado no Bolsonaroismo.

Em uma gramática da fronteira (Nolasco, 2019), influem-se ressonâncias do bem-viver, o *bios*, o corpo, suas sensibilidades e histórias locais enquanto presenças incontestáveis para pensarmos, nos dizeres da minha leitura, as fisiologias composicionais (Santiago, 2019) de nossas corpo-geo-grafias e, por extensão, a própria existência e o discurso, ambos inconvenientes (Santiago, 2019), que delas são projetadas simplesmente por existirem de modo outro, pluriversal à “aparência natural do mundo” (Mignolo, 2008) de matizes teo e egopolíticos por excelência. Na contracorrente absoluta a isso, bordejam-se

---

<sup>7</sup> Neste trabalho, o uso do vocábulo “gramática” em suas variações se afasta do viés linguístico-normativo e assume uma perspectiva epistemológica no sentido da pressuposição de ideais aquilatadas tanto no viés moderno/colonial e suas hegemonias bem como no descolonial/fronteira e seus desprendimentos.

os nós, contornos, vocábulos, bases e paradigmas que respaldam e sustentam uma espécie de gramática do poder (Silva, 2020) implicada nas ideologias, pensamentos, retóricas e ações presidenciais de Jair Messias Bolsonaro. E, quase como um corpo prolongado de si mesmo, dos templários Bolsonaristas que alimentam e reproduzem à exaustão os termos do que posso denominar também de gramática moderna (Nolasco, 2019), colonial, hegemônica, abissal e até mesmo ego/teopolítica, dado que essa configura o pilar de sustentação do *modus operandi* do (des)governo em exercício até 2022.

Minha teorização se engasta, portanto, nunca por uma visão, no singular, de mundo (Mignolo, 2017a), pelo contrário, dá-se pelas muitas sensibilidades de mundos (Mignolo, 2017a) possíveis e co-existentes justapostas na pluriversalidade (Mignolo, 2008) irrestrita a quaisquer universalizações abstratas e homogeneizadoras, à moda do que o “Messias” trabalhou para efetuar nestas terras entremeadas pelo sofrimento das periferias epistêmicas há quinhentos anos. Clivado por essas epistemologias do Sul que se desenham nos tracejos das múltiplas fronteiras que por aqui existem e se transmutam, coaduno que no referente ao nosso sofrimento e aos nossos gritos não se fazem diferenciação entre saberes, ética e política (Santos, 2019), visto que é na operação da partilha e da solidariedade que se imbrica a uma ética do cuidado (Santos, 2019) conosco e, em pé de igualdade, com esses muitos outros que existem, e devem existir tal qual são, nos muitos confins fronteirços aquilatados nas estruturas continentais geoistóricas do Brasil.

Angaria-se, na contracorrente absoluta à “velha política” retroalimentada pelo Bolsonarismo, a politização à experiência presente do sofrimento implicada as experiências reais virulentas e da injustiça justapostas aos valores de dignidade que foram derrotados, rejeitados ou colocados em segundo plano (Santos, 2019). Ainda que, mesmo assim, estejam visceralmente vivos e reconfortantes (Santos, 2019) na matriz fulcral de nossas existências pluriversais e dissidentes, isto é, em nossas sensibilidades biográficas entremeadas às nossas histórias locais de gente fronteira que pensa a partir do outro lado da margem (Mignolo, 2003) pelo chancelar de corpo-geo-grafias políticas re-existentes (Mignolo, 2017a) às mais variadas formas de dominação moderna, colonial e imperialista do Bolsonarismo.

Sob o de controle sexual e de gênero, de exploração racial e étnica (Quijano, 2019), o Bolsonarismo acabou por suprimir as corpo-geo-grafias políticas, geoistóricas e epistemológicas, tornadas quase como “alienígenas” à “aparência natural do mundo” (Mignolo, 2008) tacanha e idílica aos eleitos purificando a terra (Silva, 2020) à moda do suposto “Mártir” “sacrificando” sua vida pela “pátria” ego e teopolítica por excelência. Para o movimento ideológico citado, há um perfilamento de homogeneizar o país, obliterar suas diferenças culturais e desperdiçar multifacetadas experiências sociais ao reduzir os universos epistemológicos, sociais e políticos (Meneses; Santos, 2012) do Brasil. Entretanto, essas nossas corpo-geo-grafias exteriorizadas não só sobreviveram às normativas dominantes impostas a nós, mas re-existiram (Mignolo, 2017a), justamente por





termos o sobressalto autorreflexivo de que já não é sobre resistir, pois implicaria a percepção de que as regras do jogo serão sempre controladas por alguém a quem resistimos (Mignolo, 2017a).

Assim, prefigurando o tom conclusivo deste trabalho geo e corporificado, intento, no bojo dos desafios políticos do presente e do futuro (Mignolo, 2017a), imaginar e propor uma liberação dessa matriz colonial de poder ao re-existirmos nos lançando ao vazio criador de uma vida realmente plena e harmônica (Mignolo, 2017a). Dotamo-nos de nossas inconveniências (Santiago, 2019) corpo-geo-gráficas de bases geostóricas e epistêmicas fronteiriças emergindo nossas sensibilidades biográficas e histórias locais re-existent (Mignolo, 2017a) que supuseram, há muito, poder exteriorizar, tanto na realidade empírica quanto na imaginária do discurso. Ao Bolsonarismo, só ofereço revolta (Nolasco, 2022), re-existência (Mignolo, 2017a) e contrariedade absoluta bem como a todos aqueles que insistem em nos dizer que precisamos pensar para existir, que nossos corpos devem ser degolados (Quijano, 2019) ou que podem suprimir nossas formas de sensibilizar os mundos possíveis (Mignolo, 2008).

## Referências

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/la frontera: the new mestiza**. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.

BIGNOTTO, Newton. **O Brasil à procura da democracia: da Proclamação da República ao século XXI (1889-2018)**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

CALVI, Pedro. Brasil é o país que mais mata população LGBTQIA+; CPL aprova Seminário sobre o tema. **Câmara dos deputados**, 2022. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/clp/noticias/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-populacao-lgbtqia-clp-aprova-seminario-sobre-o-tema>. Acesso em: 20 jan. 2024.

DAFLON, Claudete. **Meu país é um corpo que dói**. Belo Horizonte: Relicário, 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *In*: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 455-491.

MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução. *In*: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 15-27.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.



MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**: Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: [http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf). Acesso em: 20 jan. 2024.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2010a.

MIGNOLO, Walter. Desobediencia epistémica, pensamiento independiente y liberación decolonial. **Otros Logos**: Revista de Estudios Criticos, v. 1, p. 08-42, 2010b. Disponível em: <https://scholars.duke.edu/publication/1022855>. Acesso em: 20 jan. 2024.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 1, p. 12-32, 2017a. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso em: 20 jan. 2024.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, p. 01-18, 2017b. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S010269092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010269092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 20 jan. 2024.

NOLASCO, Edgar César. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul. **Cadernos de Estudos Culturais**, v.1, p. 09-29, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9688>. Acesso em: 20 jan. 2024.

NOLASCO, Edgar César. Ensaio biográfico: podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?. **Cadernos de Estudos Culturais**, v.1, p. 59-74, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/13019>. Acesso em: 20 jan. 2024.

NOLASCO, Edgar César. **O teorizador vira-lata**. Campinas: Pontes Editorial, 2022.

PINHEIRO, Gustavo. Brasil, país de maricas. **Veja Rio**, 2020. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/coluna/gustavo-pinheiro/brasil-pais-de-maricas>. Acesso em: 20 jan. 2024.

QUIJANO, Aníbal. **Ensayos en torno a la colonialidad del poder**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019.

SANTIAGO, Silviano. Inconveniências do corpo como resistência. **Suplemento Pernambuco**, n. 165, p. 18-21, 2019. Disponível em: [https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe\\_165\\_web](https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_165_web). Acesso em: 20 jan. 2024.

SANTIAGO, Silviano. **Fisiologia da composição**: gênese da obra literária e criação em Graciliano Ramos e Machado de Assis. Recife: Cepe, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SILVA, Fernando de Barros e. Dentro do pesadelo. **Revista Piauí**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 164, p. 26-29, maio 2020.

#### NOTAS DE AUTORIA

**Pedro Henrique Alves de Medeiros** (pedro\_alvesdemedeiros@hotmail.com) é doutorando em Estudos de Linguagens (PPGEL) com o projeto Um Brasil do pretérito imperfeito: perspectiva outra a partir de Silviano Santiago pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestre em Estudos de Linguagens (PPGEL) com a dissertação intitulada Entre homo-bios-grafias e escrevivências de Silviano Santiago: exercícios de crítica biográfica fronteira pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC).

#### Agradecimentos

Não se aplica.

#### Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

MEDEIROS, Pedro Henrique Alves de. O Brasil é um corpo que dói: políticas outras das grafias-de-vida a partir de Silviano Santiago. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 29, p. 01-16, 2024.

#### Contribuição de autoria

Não se aplica.

#### Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

#### Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

#### Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

#### Conflito de interesses

Não se aplica.

#### Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

#### Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

#### Histórico

Recebido em: 07/05/2024

Aprovado em: 06/08/2024

Publicado em: 18/08/2024

